



Um olhar de gênero sobre as Engenharias e Licenciaturas da UTFPR e da UFBA

Lindamir Salete Casagrande¹ Ângela Maria Freire de Lima e Souza²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar uma parcela dos resultados de uma pesquisa que foi desenvolvida para realização de estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM da Universidade Federal da Bahia – UFBA. A pesquisa foi realizada em duas etapas, a primeira quantitativa e a segunda qualitativa. Participaram da pesquisa estudantes de Engenharia Mecânica e Civil e Licenciatura em Letras e Matemática da UTFPR câmpus Curitiba e Pato Branco e da UFBA. Os resultados apontam que o sexo não é o fator mais importante para a escolha dos cursos; Mulheres na engenharia e homens nas licenciaturas são os que estão mais expostos a preconceitos e discriminações o que se converte em dificuldade de permanência nas universidades; as expectativas futuras no que tange a profissão são ambiciosas; A maioria percebe que a maternidade tem impacto maior do que a paternidade na vida profissional e acadêmica.

Palavras-chave: Engenharias; Licenciaturas; UTFPR; UFBA Relações de Gênero; Divisão sexual do trabalho.

Introdução

Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma parcela dos resultados de uma pesquisa que foi desenvolvida para realização de estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Para esta pesquisa partimos do pressuposto de que o gênero é social e culturalmente construído. É uma forma de se estabelecer relações de poder (SCOTT,1995). Isto ocorre ao estabelecer hierarquias no conhecimento, no trabalho, nas relações cotidianas. A hierarquia também aparece quando se estabelece socialmente que as profissões mais valorizadas social e financeiramente são destinadas predominantemente aos homens ou, quando as mulheres aumentam sua inserção em determinadas profissões e estas perdem seu *status* diante da sociedade passando a ser menos valorizadas. Desta forma se torna premente pesquisar como vem ocorrendo a

_

¹ Doutora e Mestra em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pós-doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e feminismo – PPGNEIM/UFBA. Professora do DAMAT/PPGTE/UTFPR. Pesquisadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia – GeTec. Coordenadora editorial dos Cadernos de Gênero e Tecnologia.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora do PPGNEIM/UFBA. Coordenadora do Grupo de Estudos de Ciência e Gênero – CIGE.





participação feminina nos cursos universitários que levam a carreiras mais valorizadas socialmente como as engenharias, por exemplo.

Com base neste argumento pensamos a pesquisa aqui apresentada. Decidimos fazer um estudo comparativo entre as engenharias, carreiras valorizadas socialmente, redutos masculinos e as licenciaturas, carreiras com pouco reconhecimento de sua importância por parte de governos e sociedade e redutos femininos. A escolha dos cursos se deu pelo fato deles serem ofertados nos três câmpus aqui pesquisados e, no caso das engenharias, a Mecânica ser um dos cursos com menor participação feminina e a Civil se mostrar a engenharia que tem se mostrado mais atrativa a elas. No caso das licenciaturas, optamos por um curso na área das exatas, a Matemática e outro na área da linguagem, Letras. Com a análise destes cursos acreditamos poder construir um panorama interessante acerca da participação masculina e feminina em áreas mais atrativas ou receptivas a um dos sexos.

A escolha das universidades se deu devido ao vínculo das pesquisadoras com as duas instituições. Algo que nos beneficiou foi o fato das duas universidades estarem localizadas em regiões brasileiras com culturas bastante distintas. A Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR está localizada na região Sul do País que foi colonizada por descendentes de europeus que trouxeram consigo sua cultura, seus modos de viver e de pensar. A UFBA está inserida no Nordeste brasileiro e o câmpus localizado em Salvador, a capital com maior incidência de negros no País. Sendo assim, a cultura Baiana é fortemente marcada pela cultura africana. Com base nisto tentamos encontrar similaridades e contrastes sobre a participação masculina e feminina nas duas universidades. Ao agregar a pesquisa o câmpus Pato Branco da UTFPR acrescentamos mais um cenário ao projeto. Enquanto o câmpus Curitiba da UTFPR e a UBFA estavam localizados nas capitais dos referidos estados, o câmpus Pato Branco está encravado no interior paranaense. Esta diversidade cultural se reflete no meio acadêmico? Os cursos da UFBA teriam uma predominância de negros em seus quadros discentes? Com este pensamento iniciamos a pesquisa junto aos bancos de dados das instituições a aos discentes dos cursos acima mencionados.

A pesquisa foi realizada durante o ano de 2014 e foi composta por duas etapas. A primeira de cunho quantitativo foi baseada nos dados oficiais das duas universidades pesquisadas, a saber a UTFPR e a UFBA. Para a segunda etapa, que teve enfoque qualitativo, nos valemos de um instrumento experimental ao qual denominamos de





"entrevista virtual". O instrumento foi enviado via e-mail a todos/as os/as estudantes dos cursos de Engenharia Civil e Mecânica e Licenciatura em Letras e Matemática das duas universidades sendo que na UTFPR pesquisamos os câmpus Curitiba e Pato Branco⁴. Este instrumento era composto por um formulário no qual fazíamos a apresentação da pesquisa e seus objetivos, um quadro para levantamento dos dados socioeconômicos dos/as participantes e cinco perguntas abertas⁵. Nestas perguntas iniciais não havia nenhuma referência as questões de gênero pois tínhamos o objetivo de direcionar o mínimo possível as respostas. Com base nas respostas a as perguntas iniciais elaborávamos outras para aprofundar a entrevista⁶. Nas outras rodadas de perguntas direcionávamos para a questão de gênero que era o objetivo da pesquisa.

No total foram 158 estudantes que aderiram a pesquisa, sendo 73 do sexo masculino e 85 do sexo feminino (QUADRO 1). O câmpus Curitiba da UTFPR foi o que teve o maior número de respondentes (61). A Engenharia Mecânica foi a que forneceu o maior número de respostas (24) neste câmpus. Na UFBA — Salvador e UTFPR câmpus Pato Branco o curso que teve maior adesão foi de Engenharia Civil com 19 e 16 respostas respectivamente. A adesão feminina foi levemente superior quando se analisa os números totais da pesquisa e inferior no que tange aos cursos de engenharia, entretanto quando consideramos que as mulheres são a minoria dos/as discentes das engenharias podemos concluir que elas foram significativamente mais aderentes à pesquisa do que os homens.

-

³ Este método de coleta de dados apresentou pontos positivos e negativos. Como pontos positivos destacamos a possibilidade de envolver um número maior de participantes. A entrevista presencial limita este número devido ao deslocamento dos/as participantes e do/a pesquisador/a bem como o tempo necessário para a realização e a transcrição da mesma. Com este aumento pode-se ter um panorama mais amplo acerca do objeto estudado. Destaca-se ainda que os/as participantes podiam responder de onde estavam e no momento que melhor lhes aprouvesse. Como pontos negativos apontamos que cerca de 50% dos/as participantes abandonaram a pesquisa após a primeira rodada de perguntas, sem aprofundar a entrevista. Destacamos ainda a impossibilidade de se analisar a linguagem corporal dos/as participantes no momento da entrevista. Porém, mesmo com estes percalços, o instrumento se mostrou viável e apresentou dados relevantes para o alcance do objetivo proposto para a pesquisa.

⁴ Esta universidade tinha 13 câmpus no momento da pesquisa.

⁵ As perguntas abertas iniciais foram: 1) Quais os motivos/razões que levaram você a escolher este curso? 2) Você pensou em outra/s opção/ões de curso? Se sim, indique qual/is. 3) Você percebe algo que dificulte a permanência sua ou de seus/suas colegas no curso? Se sim, quais. 4) Você percebe algo que facilite a permanência sua ou de seus/suas colegas no curso? Se sim, quais. 5) Como você se vê daqui a dez anos?

⁶ Em média foram três rodadas de perguntas e respostas aos/às estudantes que se dispuseram a complementar a entrevista.





QUADRO 1 Participantes por sexo, por curso e por câmpus

Curso	UTFPR -			UTFPI	R – Pato	UFBA -			Total por			
	Curitiba			Branco			Salvador			curso		
	Н	M	T	Н	M	T	Н	M	T	Н	M	Т
Lic. em Letras	4	6	10	2	10	12	2	9	11	8	25	33
Lic. em	3	9	12	2	4	6	7	6	13	12	19	31
Matemática												
Eng. Civil	7	8	15	6	10	16	13	6	19	26	24	50
Eng. Mecânica	13	11	24	6	3	9	8	3	11	27	17	44
Total por sexo	27	34	61	16	27	43	30	24	54	73	85	158

Fonte: Dados da pesquisa – Elaboração própria

Legenda: H – número de homens M – número de mulheres T – número total

O QUADRO 2 mostra a participação de homens e mulheres nos cursos de engenharia das universidades objetos desta pesquisa. Percebe-se que as mulheres são a minoria em todos os cursos e instituições pesquisadas. Esta é uma realidade que se assemelha aos dados nacionais e internacionais. Porém, ao compararmos os dados do QUADRO 2 com os do QUADRO 1 percebemos que a porcentagem de participação feminina foi muito superior a porcentagem de alunas matriculadas nas engenharias. A razão para a maior aderência das meninas/moças/mulheres ao projeto não foi possível de identificar e também não era o objetivo da pesquisa.

QUADRO 2 Estudantes das Engenharias por instituição, por curso e por sexo no ano 2013

	0		_		3 /								
Instituição		Enge	enharia Mecânica				Engenharia Civil						
	M		F		T		M		F		T		
	n	%	n	%	n	%	N	%	n	%	n	%	
UTFPR – câmpus	646	85,1	113	14,9	759	100	102	67,5	49	32,5	151	100	
Curitiba													
UTFPR – câmpus Pato	314	86,3	50	13,7	364	100	194	51,7	181	48,3	375	100	
Branco													
UFBA	387	90	43	10	430	100	718	75	240	25	958	100	

Fonte: Registros das Instituições - Elaboração própria

Legenda: M – sexo masculino F – sexo feminino T – Total n – número absoluto % porcentagem sobre o total de estudantes do campus.

QUADRO 3 Estudantes das Licenciaturas por instituição, por curso e por sexo no ano 2013

Instituição		Lice	nciatu	ra em L	etras		Licenciatura em Matemátic					a
	M		F		T		M		F		T	
	n	%	n	%	n	%	N	%	n	%	n	%
UTFPR – campus	74	31,4	162	68,6	236	100	48	55,2	39	44.8	87	100
Curitiba												
UTFPR – campus Pato	55	24,1	173	75,9	228	100	26	32,5	54	67,5	80	100
Branco												
UFBA	324	27,7	846	72,3	1170	100	174	66,4	88	33,6	262	100

Fonte: Registros das Instituições - Elaboração própria

Legenda: M – sexo masculino F – sexo feminino T – T otal n – n úmero absoluto % – porcentagem sobre o total de estudantes do campus.





O QUADRO 3 mostra que no que tange as licenciaturas a porcentagem de mulheres aumenta significativamente. Em Letras elas são a grande maioria nos três câmpus, porém em Matemática elas são maioria apenas no câmpus Pato Branco da UTFPR. Com base nestes dados poderíamos concluir que as mulheres são menos afeitas as ciências exatas, porém esta conclusão seria precipitada pois não leva em consideração a forma como estes números foram construídos. A forma como se estimula mais os meninos a desenvolverem habilidades de raciocínio, a participar de brincadeiras mais ativas e criativas, a experimentarem mais e as meninas a se conterem, a desenvolver habilidades com o cuidado, com o afeto certamente interfere nestes números. Analisar exclusivamente a quantidade sem levar em consideração o contexto social, histórico, financeiro, familiar, cultural é, no mínimo, irresponsável.

No quesito cor/raça/etnia dos/as discentes, os números da pesquisa apontam que a UTFPR apresenta em seu quadro discente uma maioria absoluta de brancos/as. Nas licenciaturas apenas três estudantes se autodenominaram pardos/as e 2 negros/as. Na UFBA a predominância nas licenciaturas foi de pardos (5 homens e 6 mulheres) e negros (4 homens e 6 mulheres). Apenas duas estudantes se autodenominaram brancas. Este fato pode ser explicado se levarmos em consideração que a Bahia é o estado brasileiro com maior índice de negros/as e pardos/as em sua população e o Paraná tem em sua história a predominância de colonizadores de descendência europeia.

Porém, ao lançar o olhar para as engenharias, nos deparamos com um cenário instigante. O quadro discente da UTFPR não se alterou no quesito aqui analisado, ou seja, a UTFPR continua tendo um alunado predominantemente branco. Apenas 2 homens e 3 mulheres se autodeclararam pardos/as. Nenhum/a estudante de engenharia dos dois câmpus da UTFPR afirmou ser negro/a. Por outro lado, ao analisarmos os dados relativos a UFBA percebemos uma mudança em relação as licenciaturas. Nos dois cursos de engenharia da UFBA tivemos o seguinte panorama: 8 estudantes (7 homens e 1 mulher) brancos/as; 4 estudantes (3 homens e 1 mulher) negros/as e 16 pardos (11 homens e 5 mulheres). Estes números evidenciam que nas engenharias há um branqueamento no corpo discente nesta universidade. Observa-se que a quantidade de negros/as é inferior a de brancos nestes cursos. O branqueamento é ainda maior na engenharia Civil. Neste curso 6 estudantes (5 homens e 1 mulher) se declararam brancos enquanto na Engenharia Mecânica 2 estudantes fizeram esta mesma afirmação. Nos dois cursos a predominância foi de pardos (8 em cada curso). Com base nesses dados podemos afirmar que cursos mais





valorizados social e financeiramente apresentam maior incidência de discentes brancos. Qual a razão disso? Por que temos menos negros/as nestes cursos?

No que tange a renda familiar dos/as participantes temos um quadro que evidencia uma elitização dos cursos de engenharia. Na engenharia Civil, a renda familiar da maioria dos/as estudantes Curitibanos está acima de R\$ 1501,00. No caso dos Patobranquenses, a renda familiar varia entre R\$ 1501,00 e R\$ 5000,00. As famílias dos estudantes de Salvador apresentam renda acima de R\$ 5000,00. Quanto a engenharia Mecânica, a maioria das famílias dos/as estudantes de Curitiba e Salvador tem renda superior a R\$ 5000,00. Em Pato Branco a faixa de renda familiar predominante é entre R\$ 1501,00 e R\$ 5000,00. Ou seja, na Bahia a predominância é de famílias com renda superior a R\$ 5000,00 nos dois cursos pesquisados, famílias com condição financeira razoavelmente boa.

Quando se olha para as licenciaturas temos um quadro diferente. Na licenciatura em letras a renda familiar varia de acordo com o câmpus. Em Curitiba a predominância é superior a R\$ 1500,00, em Pato Branco a predomina a renda entre R\$ 500.00 e R\$ 5000,00. Em Salvador, a maioria das famílias dos/as estudantes de letras sobrevive com renda inferior a R\$ 1500,00. Em Matemática, no que diz respeito a renda familiar, temos uma similaridade entre os três campos com a predominância de renda entre R\$ 1501,00 e R\$ 5000,00. Há uma nítida diferença de classe entre estudantes de Letras do Paraná e da Bahia, bem como entre estudantes de Letras e Engenharia, de modo especial da UFBA.

Proporcionalmente ao número de estudantes matriculados/as nas universidades foco desta pesquisa a adesão foi pequena, porém forneceu dados interessantes que nos permitiram traçar um perfil acerca das escolhas pelos cursos de engenharia e licenciatura, das dificuldades de acesso e permanência no meio universitário, preconceitos e discriminações sofridos pelos/as estudantes, expectativas futuras, o impacto da maternidades e da paternidade na vida acadêmica e profissional, dentre outros aspectos importantes da vida acadêmica. Aqui apresentaremos alguns resultados da pesquisa. As análises mais aprofundadas poderão ser encontradas em outros artigos que estão sendo publicados em outros veículos.





A escolha dos cursos

Dentre os motivos apontados pelos/as estudantes para a escolha do curso universitário o mais apontado foi a vontade própria. A maioria afirmou que não houve interferência de outras pessoas para esta escolha, porém muitos/as indicaram que, após a opção ser feita obtiveram o incentivo dos familiares. Algo importante a destacar é que dentre estes familiares encontramos pais, irmãos, tios e primos. Observem que está tudo no masculino pois as mulheres das famílias raramente foram citadas tanto por meninas/moças/mulheres quanto por meninos/moços/homens. Restou-nos a indagação dos motivos que levaram a este silenciamento e invisibilidade das mulheres das famílias. Onde elas estavam? Por que não foram lembradas? Elas realmente não tiveram importância? Estas perguntas permanecerão sem respostas.

Diversas alunas dos cursos de engenharia dos três câmpus apontaram que ouviram comentários de estranheza pelo curso escolhido, como se engenharia não fosse curso para elas, as pessoas pensam que "as mulheres não têm capacidade intelectual para engenharia" nos relata Julia Maria, estudante de Engenharia Civil de Curitiba. Comentários como "nossa mas esse curso é muito difícil" (Ana, Mec, Ctba) são ouvidos apenas por mulheres das engenharias. Também causa estranheza o fato de homens escolherem licenciatura em Matemática. No senso comum, para fazer matemática a pessoa precisa ser inteligente e se é inteligente deveria cursar algo mais valorizado social e financeiramente como as engenharias.

A opção pela Licenciatura em Letras também causa espanto de modo especial nos câmpus da UTFPR, que tem tradição na área tecnológica. O próprio curso de Letras sofre preconceito pois para muitos, este não é o lugar dele.

A maioria dos/as estudantes de engenharia apontaram que um dos incentivadores a seguir esta carreira foi o fato de gostarem da área de exatas. O amor e aptidão pela Matemática e Física influenciaram e definiram a escolha. Nenhum/a estudante de engenharia afirmou não gostar das exatas. Por outro lado, dentre os estudantes de letras se apresentou como fator relevante na escolha, o prazer em ensinar e o gostou pela leitura e literatura.

Nenhum/a participante afirmou ter escolhido o curso por ser mais adequado a pessoas de seu sexo. Não foi possível perceber diferenças significativas entre os motivos que levaram homens e mulheres a optarem por um ou por outro curso. Sendo assim, na opinião dos/as participantes, o sexo não é definidor do curso que estes irão seguir.





Convém salientar que os/as participantes da pesquisa estavam na universidade. Talvez se estivéssemos conversando com pessoas que não conseguiram ingressar no nível superior, que tivessem abandonado seus cursos ou que se encontrassem matriculados em outros cursos o resultado fosse diferente.

Dificuldades de permanência

Ao serem questionados sobre as dificuldades e facilidades para a permanência na universidade, inicialmente as respostas abordaram a questão de infraestrutura, o fato da universidade ser gratuita, os professores (tanto como positivo quanto como negativo), enfim, coisas mais relacionadas com o geral do que com o pessoal. Porém, este não era o objetivo da pesquisa. Então partimos para perguntas mais direcionadas ao objetivo da pesquisa. Nas respostas destas perguntas surgiram as indicações de que o meio universitário pode ser cruel para com os/as estudantes que fogem ao padrão do que é visto como normal. As mulheres que optaram por engenharia e os homens das licenciaturas, de modo especial Letras eram as principais vítimas de preconceito e discriminação que dificultavam a permanência dos mesmos em seus cursos. Aqui a questão de gênero ficou evidente. Foi possível perceber que no meio acadêmico, mulheres que decidem ingressar nas engenharias, de modo especial, na Engenharia Mecânica são vistas como fora do padrão, como um ser estranho, uma alienígena. Ou seja, a questão de gênero se apresenta como uma dificuldade de permanência para as pessoas que ousam transgredir as normas postas pela sociedade e ingressar em redutos que não são comumente vistos como destinados para elas.

Violência simbólica

A questão da violência simbólica esteve presente nos depoimentos da maioria dos/as participantes. Lembramos que a violência simbólica nem sempre é percebida pelas vítimas. Concordamos com Pierre Bourdieu (1997, p.7) quando ele afirma que a violência simbólica

é uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

A maioria afirmava que não aconteceu com eles/as, ou que isso não tinha importância, que era levado na brincadeira, enfim, que era algo menor. Porém, ao analisarmos os depoimentos podemos perceber que os comentários maldosos tinham





significativo vida dos/as impacto na estudantes. Mais meninas/moças/mulheres foram as principais vítimas da violência simbólica que era praticada por colegas e por professores (no masculino, pois só foram citados homens). A violência se manifestava por meio de piadas machistas, dificuldade de ser respeitas dentro dos grupos de trabalho, questionamento sobre a aparência física, questionamento sobre a capacidade intelectual, limitação de acesso a estágios, dentre Meninos/moços/homens que cursavam Letras nos três câmpus ou Engenharia Civil em Pato Branco também tinham sua sexualidade questionada. Engenharia Civil no câmpus Pato Branco tinha 48,3% de mulheres dentre os/as matriculados/as no ano de 2013 e por isso passou a ser visto por estudantes de outros cursos como "curso de menininhas". Segundo alguns depoimentos, este fato fez com que alguns estudantes desistissem do curso, de modo especial, de Letras.

A pesquisa mostrou ainda que as estudantes tinham consciência que estavam sendo vítimas de violência e que reagiam quando esta vinha dos colegas, mas se calavam quando o autor era o professor. Este comportamento é compreensível pois, na maioria das vezes, as disciplinas técnicas apresentam um único professor e as estudantes tinham medo de ser reprovadas e no semestre seguinte encontrar o mesmo professor e com isso ter dificuldade de concluir o curso. Este silenciamento não significava submissão ou aceitação do fato como normal e sim se configurava em estratégia para poder concluir o curso. Porém, cabe ressaltar que estas dificuldades impostas ás mulheres e aos homens que ousam atravessar a fronteira e ingressar em cursos que supostamente são destinados a pessoas do outro sexo é desnecessária e prejudica a vida acadêmica e o desenvolvimento da sociedade como um todo.

Expectativas futuras

Quando questionados/as acerca de como se viam daqui a dez anos a maioria se mostrou bastante otimista. Estudantes de licenciatura imaginam estar atuando no sistema educacional com o mestrado e o doutorado concluído ou em andamento. Já os/as estudantes de engenharia se imaginam atuando em grandes empresas ou donos/as do próprio negócio. Todos/as tinham a expectativa de estar profissional e economicamente estáveis ao final do período.

A primeira resposta dos/as participantes não trouxe nenhuma menção a maternidade/paternidade e o casamento. As respostas foram apenas no âmbito estudantil





e profissional. Quando questionados/as se pretendiam se casar e ter filhos/as a maioria afirmou que sim, mas não logo. Queriam se estabilizar financeira e profissionalmente antes de constituir família. Algumas meninas/moças/mulheres afirmaram que pretendiam se casar, mas não gostariam de ter filhos/as. Com base nesta resposta perguntamos como a filia reagiu quando elas comunicaram esta decisão e as respostas foram variadas, porém não afetavam as decisões delas. É bom afirmar que estas declarações foram feitas por apenas 3 participantes.

Maternidade e paternidade

Perguntamos ainda qual era a percepção dos/as participantes sobre a interferência da maternidade e a paternidade na vida acadêmica e profissional, a maioria respondeu que existia, mas que era mais intensa na vida das meninas/moças/mulheres. Tanto rapazes quanto moças percebiam que um filho ou filha submete a mulher a uma carga maior de reponsabilidade e dificulta sua dedicação a carreira acadêmica e profissional.

Convém salientar que a maioria dos/as participantes afirmou não ser casada e nem ter filhos. Nas engenharias não encontramos nenhuma mulher com filhos e apenas dois homens nesta condição. Eram estudantes com mais idade. Nas licenciaturas, a maternidade se mostrou mais presente, de modo especial nas mulheres.

Considerações finais

O estudo aqui apresentado traça um breve panorama acerca do acesso e permanência dos/as estudantes no meio universitário. Percebe-se que a trajetória de meninas/moças/mulheres se torna mais pesada do que a dos meninos/moços/homens. A elas são impostos obstáculos muitas vezes imperceptíveis, mas que dificultam a trajetória no meio acadêmico e a inserção posterior no mercado de trabalho. É o que Betina Stefanello Lima (2013) denomina de "labirinto de cristal". A autora argumenta que diferentemente do "teto de cristal" que se apresenta apenas no topo das carreiras, o labirinto acompanha as mulheres durante toda sua trajetória acadêmica e profissional. O preconceito sobre a capacidade feminina nas engenharias se apresenta como uma das "paredes" deste labirinto que obriga as mulheres a percorrer um caminho mais longo para se aproximar do sucesso.

Os dados apontam ainda que tanto homens quanto mulheres percebem as barreiras que são impostas a quem ousa fugir ao padrão socialmente construído para cada um dos sexos. Evidencia que os/as participantes desta pesquisa são politizados e mostra muitos





homens e mulheres feministas. Talvez os/as machistas não tenham visto o projeto como interessante e por isso não responderam à pesquisa.

Evidencia ainda que há a necessidade de ações que diminuam a incidência de violência simbólica no meio universitário. Estas ações devem incluir toda a comunidade universitária pois quando o preconceito e a discriminação parte do corpo docente a situação fica ainda mais difícil de ser enfrentada pelos/as estudantes.

Podemos perceber que há mais semelhanças do que contrastes entre as condições de acesso e permanência das mulheres no ambiente universitário das duas universidades aqui pesquisadas. Algo a se destacar é o branqueamento encontrado nos cursos de engenharia da UFBA o que nos leva a pensar que estes cursos podem permanecer elitizados. Convém ressaltar que a renda familiar dos/as estudantes de engenharia era superior à dos/as estudantes de licenciatura e esta diferença aumentou quando estes/as estudantes se autodeclararam brancos/as. Isso reforça a ideia de uma possível elitização nos cursos de Engenharia da Bahia.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(3): 496, set/dez, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.